

## SIMPÓSIO AT117

### OS FIOS DA MEMÓRIA NA TESSITURA DE UM OFÍCIO: NARRATIVAS ORAIS DE AGRICULTORAS E REZADEIRAS DO RIO DO ENGENHO (ILHÉUS/BAHIA)

SANTANA, Gisane Souza  
Universidade Federal da Bahia – UFBA/FAPESB  
[gisa\\_santana@yahoo.com.br](mailto:gisa_santana@yahoo.com.br)

SANTOS, Alvanita Almeida  
Universidade Federal da Bahia – UFBA  
[alvanita.profa@gmail.com](mailto:alvanita.profa@gmail.com)

**Resumo:** Este estudo tem como objetivo analisar as narrativas orais de agricultoras e rezadeiras do distrito rural do Rio do Engenho, que são produzidas no cotidiano da comunidade, nas suas práticas simbólicas. Trata-se de um estudo desenvolvido interdisciplinarmente no espaço da Literatura Comparada onde são estabelecidas convergências conceituais da teoria e crítica literárias, da nova história e dos estudos da cultura. Para a discussão dos conceitos teóricos, toma-se as questões sobre *performance* (MARTINS, 2002; ZUMTHOR, 2000; ), observando-se as reflexões sobre a *memória* (FERREIRA, 2004; NORA, 2004) e *práticas simbólicas* (CERTEAU, 1998; IPHAN, 2000). Por meio da pesquisa de campo, foram feitas a coleta dos relatos e depoimentos através do método da história oral (PORTELLI, 1989). O tratamento desses relatos e depoimentos foi fundamentado na concepção de testemunho (MOREIRAS, 2001; LEMAIRE, 2002). A pesquisa permitiu verificar que as narrativas orais podem ser entendidas como uma síntese de processos sociais e culturais, de um passado compartilhado pela comunidade; podem ser consideradas como representação das práticas cotidianas, das tradições e vivências coletivas. Assim, essas narrativas são expressões literárias consideradas lugares de memória (NORA, 2004) por suas referências simbólicas e culturais. O estudo pretende como resultado contribuir para dar visibilidade à literatura oral dos remanescentes dos primeiros núcleos de ocupação da antiga capitania hereditária de São Jorge dos Ilhéus.

**Palavras-chave:** Literatura, Vozes da Memória, Práticas Cotidianas, Rio do Engenho.

**Abstract:** The objective of this study is to analyze the oral narratives of women farmers and mourners in the rural district of Rio do Engenho, which are produced in the daily life of the community, in their symbolic practices. It is a study developed interdisciplinarily in the space of Comparative Literature where conceptual convergences of literary theory and criticism, new history and studies of culture are established. For the discussion of the theoretical concepts, the questions about performance are taken (MARTINS, 2002; ZUMTHOR, 2000;), observing the reflections on memory (FERREIRA, 2004; NORA, 2004) and symbolic practices (CERTEAU, 1998; IPHAN, 2000). Through the field research, the reports and testimonies were collected through the oral history method (PORTELLI, 1989). The treatment of these

reports and testimonies was based on the concept of testimony (MOREIRAS, 2001; LEMAIRE, 2002). The research allowed to verify that the oral narratives can be understood as a synthesis of social and cultural processes, of a past shared by the community; can be considered as a representation of everyday practices, traditions and collective experiences. Thus, these narratives are literary expressions considered places of memory (NORA, 2004) for their symbolic and cultural references. The study intends to contribute to give visibility to the oral literature of the remnants of the first nuclei of occupation of the former hereditary captaincy of São Jorge dos Ilhéus.

**Key words:** Literature, Voices of Memory, Everyday Practice, Rio do Engenho.

*Ainda tenho muita história prá contá*

Tereza Silva, curandeira e rezadeira do Rio do Engenho

*Escrever, o exercício da escrita, é um direito que todo mundo tem. Como o exercício da leitura, como o exercício do prazer, como ter uma casa, como ter a comida (...). A literatura feita pelas pessoas do povo, ela rompe com o lugar pré-determinado.*

Conceição Evaristo

As epígrafes que inauguram este capítulo nos levam a refletir sobre o silêncio imposto à expressão oral ao longo da história da literatura, e indicam a urgência de pensar novas epistemologias. Das frases de Tereza Silva e de Conceição Evaristo emergem as vias pelas quais as vozes poéticas inscreveram/inscrevem a memória e os saberes da expressão oral nos repertórios da literatura e cultura. Tais frases, ainda, nos alerta sobre as histórias de muitas exclusões e os espaços historicamente silenciados pelo discurso hegemônico.

A tradição letrada, criada como espaço validado e preenchido de autoridade das ciências, se ocupou de forjar na modernidade argumentos e conceitos que serviram para instituir as crenças sobre classificações. Essa única forma de produção chamada de *Pensamento Abissal* por Boaventura Souza Santos é “um modelo global de racionalidade científica, que nega o caráter racional a todas as formas de conhecimento que se não pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas” (SANTOS, 1997, p. 11).

A colonialidade procurou homogeneizar o mundo, obliterando as diferenças culturais. No campo dos estudos literários brasileiros, essa forma de produção ancorada pela tradição ocidental e legitimada pelo poder político e cultural masculino, deixou à margem a textualidade dos povos africanos e indígenas, denegando a possibilidade de pensar a literatura a partir das diferenças; e de construir outros percursos de estudos.

Pensar a literatura utilizando a noção de universal e de valor estético, negando o reconhecimento de outras epistemologias, significa discutir o processo histórico do Ocidente - colonizações, consolidações de territórios, como se ele não tivesse sido empreendido com violência e com exclusões (NATALI, 2006). Nesse entendimento, a literatura repercute representações, formações discursivas e ideológicas, que podem ser absolutistas, ao garantir paradigmas socioculturais hegemônicos e estabilizados, quanto podem ser ativas, ao desestabilizar, desconstruir tais paradigmas, como em uma *literatura menor*.

O debate sobre a desierarquização do cânone literário, as discussões sobre a Nova História Cultural, as lutas contra a opressão e racismo, o fluxo de importantes movimentos sociais, os estudos sobre a literatura oral, teorias feministas e étnicas; todas essas mudanças contribuíram para o estabelecimento de novos paradigmas, e, por consequência, apontaram novas projeções dos estudos literários. As transformações ocorridas no campo da História Cultural e dos Estudos da Cultura deram voz ao *homem comum* (CERTEAU, 1988), permitindo o registro das histórias de parteiras, curandeiras, pescadores, agricultores, benzedoras - indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade. São histórias de vidas e da vida constituídas diariamente pela memória oral.

Nesse sentido, o registro das histórias de vida do *homem comum* visa a contribuir para a inclusão de vozes subalternizadas no discurso disciplinar, numa perspectiva de respeito às culturas locais e atenção às diferenças (BHABHA, 1998). Reconhece-se assim, que hoje, outras vozes se manifestam criticamente para afirmar novas perspectivas. Se o discurso que se

manteve no eixo do poder e que determinou diversas ações nas Américas foi o europeu, hoje o discursos das margens, das vozes *insurgentes*, produz/constrói outras histórias, criticando o que se proclamou como universal.

Nos dias atuais, cada vez mais, e num crescendo, tem emergido, por meio de *das vozes insurgentes*, novas reflexões teóricas que reconfiguraram o olhar crítico sobre as literaturas nacionais dos países colonizados, o que provocou na crítica literária brasileira, ainda que tardiamente, uma atenção particular: a ampliação dos espaços de debates sobre a Literatura Oral. Com o despertar dessa mirada crítica, ainda tímida, essa literatura, atualmente, é considerada uma fonte de pesquisa, tanto nas vertentes da crítica literária, como nos estudos da cultura, da “performance teórico-política” (SPIVAK, 2010), que promove “práticas literárias territoriais do cotidiano” (LUDMER, 2010) como espaço de denúncia, de resistência e de outras enunciações.

D. Tereza Silva, moradora do Rio do Engenho há 50 anos, mulher negra de grande espiritualidade e inteligência, discorre sobre a narrativa de sua trajetória de vida, marcada pelo trabalho nas roças, pela luta diária da sobrevivência.

Acho que vou fazê uns oitenta. Num sei bem...

[D. TEREZA fala alternando o olhar, algumas vezes fita diretamente nos olhos da pesquisadora, outras vezes para cima, como que procurando algo no telhado da casa]

Meu pai num tinha recurso, nois era fraco, num sabe? num estudei, num tive tempo de estuda...quiria muito aprendê as letra, num sabe?

Aqui em casa nem eu, nem mae, nem pai estudô

[no semblante, um silêncio e uma tristeza ]

[...] num sei escrevê, só sei contá história. [agora, sorri de leve]

tive que trabaiá desde minina, sendo cozinheira na casa de minha madrinha, trabaiei tombém na roça. Nois, eu e minha mãe, trabaiô muito nas cozinha dos outro, lavano, passano, cozinhamo ... trabaimo tombém na roça, plantando, rapando mandioca, fazeno farinha.

[Quando pergunto sobre com quem ela aprendeu as histórias, ela responde] aprendi a contar os causo com minha mãe e minha avó.

Elas me ensinarum muita coisa, só não as letra [depois de alguns minutos ouvindo algumas histórias de D. Tereza ela me diz: Ainda tenho muita história pra conta.

(Tereza da Silva, entrevista concedida em maio de 2018)

Dona Tereza nasceu rodeada de palavras. Usando a palavra ela reivindica o seu direito à escritura de outras memórias. Sua palavra literária

grafa, através da oralitura, a memória, nos livros das florestas, fazendo circular o patrimônio imaterial do Rio do Engenho. Com as folhas sagradas pronuncia outros verbos, e no gesto solene, a palavra é transformada em fármaco para os corpos. Um ritual de uma escrita que comporta muitos gestos; *gestos de movimento-grafia*, no dizer de Conceição Evaristo. O gesto de movimento-grafia acontece mediado pela rememoração, que combina tempos e vozes distintas na enunciação, no corpo em presença dessa voz-memória.

Os fios (po)éticos apresentados na tessitura da narrativa de Dona Tereza desafiam as práticas culturais hegemônicas que pouco reconhecem outras formas de saber. Lida em uma clave contemporânea, a literatura produzida por Dona Tereza é um lugar de (r) existência, um lugar de confluência de vozes silenciadas e exiladas escrita; uma potência política e coletiva. A produção literária dessa vozes poéticas para além de um sentido estético, é um ato político, pois “buscam semantizar um outro movimento, aquele que abriga toda as suas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida” (EVARISTO, 2007).

Dessa maneira, penso a literatura oral como criadora de uma fissura teórica no campo crítica literária e da teoria literária, forjada pela potência da escritura das vozes poéticas, que instituem novas maneira de existir e de resistir, que questiona a violência epistêmica da sociedade ocidental; um contraponto frente ao que é conhecido como literatura nacional. Compreendo-a como *literatura menor*, no sentido conceitual de Deleuze e Guattari (1977), àquela cujo caráter transgressor deslocaria os padrões da literatura estabelecida; sua força revolucionária seria decorrente da “desterritorialização da língua, da ramificação do individual no imediato-político e do agenciamento coletivo de enunciação” (DELEUZE, GUATTARI, 1977, p. 28).

Assim, a literatura oral, considerada como menor, se experimenta como uma *linha de fuga*, não participa do ideário canônico, mas opera em sua margem, obliterando as normas hegemônicas estabelecidas e precarizando o ideário de cânone nacional; além de colocar em destaque as vozes poéticas e sua *experimentação do mundo*, ou no dizer de Conceição Evaristo,

suas *escrevivências*. Essa *escrevivência* que pulsa nos textos da vozes poéticas, cartografa sons, práticas rituais, ritmos, cores, subjetividades, saberes e fazeres, e grafa um *corpus* literário que se insubordina contra o lugar-comum e tece não só uma nova produção literária, como também uma nova história social e cultural.

Tereza ao assumir a responsabilidade de contar suas histórias, empresta seu corpo e sua expressividade para a realização do texto, que se materializa por meio da performance. Performar, neste sentido, significa ‘inscrever, grafar, repetir transcriando, revisando’ (Martins, 2002, p. 82). Voz e gestos fazem a coreografia de suas narrativas. A voz é corpo. O corpo na performance ritual, “é local de inscrição de um conhecimento que se grafa no gesto, no movimento, na coreografia, na superfície da pele, assim como nos ritmos e timbres da vocalidade. *O que no corpo e na voz se repete é uma episteme*” (MARTINS, 2002, p. 70 – grifos meus)

O corpo em processo de significação atravessado pela ancestralidade, pela memória e performatividade, torna-se ele próprio uma cartografia, um território de linguagens e sentidos; um lugar de *encruzilhadas* (MARTINS, 2002). Na terceira via, a da encruzilhada, os corpos grafam conhecimentos na própria pele, reverberando ritmos, movimentos. O corpo, que também é voz, é uma *desobediência epistêmica* (MIGNOLO, 2008), por instaurar uma lógica epistemológica pautada na diferença e na pluralidade. A voz e o corpo são portais de inscrição da *ecologia de saberes* (SANTOS)

Na escritura *rizomática*, o corpo e a voz de Dona Tereza se tornam um modo também de *inscrição de saberes*. Numa calorosa conversa, a rezadeira fala sobre como ela aprendeu seu ofício de curar e benzer. Na experiência com a terra, ela aprendeu a classificar e usar as ervas e raízes que são utilizadas como recurso terapêutico. Dona de um conhecimento simbólico, dedicada em atender a quem busca cura por meio da reza e da beberagem; faz de boa vontade e gratuitamente, afinal considera seu ofício um dom que recebeu de Deus. Ela uma é uma liderança do distrito rural do Rio do Engenho.

Minha mãe aprendeu rezá sozinha, foi chamado divino, ela se preocupava com as pessoa e benzia quem tivesse precisanu:

filho, neto, vizinhos, todo mundo passô pelo cuidado espiritual. Ela fazia o bem e não cobrava, era um dom  
Antes dela parti, ela me ensinô. Tombém num cobro nada, é meu destino [...] Rezo de quebranto, mal olhado, espinhela caída, ventre caído, vento virado.[...]Pião roxo, arruda, manjerição, guiné, cidreira, mastruz hortelã, pitanga...faço chá, garrafada, lambedor, purgante. Chama purgante de azeite., Eu era acostumada a fazê ... pega a mamona antes do sol saí, tem que ser antes do sol saí! Lava em agua corrente e bota pra frevê...freve, freve, freve.depois seca no sol dois dia, num pode deixá no sereno, viu? Depois de secá, coloca no pilão e pisa cum muita força e vai rezano...deixa parecê um cardo, igual a um leite,.. pega as folha santa: hortelão grosso e pequeno, mastruz. A gente pega e pisa e tira o sumo e coloca dento dum tacho e vai mexeno até tê aquele remédio, um azeite, vai rezano. Dá cinco colhé... num pode mais, só cinco ... e pronto [ gesticula coma as mãos]. Fica de resguardo por dois dias. É um santo remédio!. Muita gente se salvô. Viuge Maria!  
(Tereza da Silva, entrevista concedida em maio de 2018)

À medida que ia narrando sua história, os sentimentos de D.Tereza oscilavam – alegria, tristeza, saudade. O gesto de *movimento-grafia*, para lembrar uma expressão de Conceição Evaristo, acontece mediado pela rememoração, que combina tempos e vozes distintas na enunciação, no corpo em presença dessa voz-memória. Desse modo, a memória funciona como uma espécie de operadora das relações dialógicas, das temporalidades diversas, permitindo às vozes inscreverem, na enunciação, um mosaico de vozes. Os gestos feitos por ela aparecem como um texto paralelo; para o que a voz não dá conta de narrar. O texto da memória faz-se por meio do corpo em *performance*, de onde eflui música, ritmo, dança, em diálogos continuamente, em estado de poesia.

Nesse entendimento, a narrativa performática ou a *oralitura* (MARTINS,2001) é uma escritura em constantes linhas de fuga, que recusa uma categorização e nos convida a construir trilhas, não em linha reta, nos rizomas e nas encruzilhadas. Tratam-se de narrativas que rompem silêncios e desvelam, aos nossos olhos, facetas e dimensões de locais obscurecidos pela memória oficial. Nessa escritura rizomática, o corpo e a voz se tornam um modo também de inscrição de saberes.

Os desafios postos, aos estudos contemporâneos literários, desenvolvem-se no sentido de problematizar o papel da poesia da voz e da grafia do corpo nas narrativas performáticas de encruzilhadas. Trazer para cena acadêmica as vozes poéticas, historicamente alocadas numa posição de subalternidade, é um ato ético por permitir a abertura de outros espaços para que estas vozes da memória ressoem em muitas histórias; é dar a elas o direito de narrar, o direito à literatura, como sugere a poeta Conceição Evaristo: *o exercício da escrita, é um direito que todo mundo tem. Como o exercício da leitura, como o exercício do prazer, como ter uma casa, como ter a comida (...). A literatura feita pelas pessoas do povo, ela rompe com o lugar pré-determinado.* Todas essas considerações não se encerram, mas instigam novas encruzilhadas, novos caminhos...

## Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é uma literatura menor? In: **Kafka: por uma literatura menor**. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar. In: RAVETTI, Graciella; ARBEX, Márcia (Orgs.). **Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais**. Belo Horizonte: POSLIT/UFMG, 2002. p. 69-91.

MIGNOLO, Walter. Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em Política. In: **Cadernos de Letras da UFF Dossiê: literatura, língua e identidade**. No. 34. p. 287-324, 2008.

NATALI, Marcos Piason. Além da literatura. **Literatura e sociedade** nº 9, São Paulo: DTLIC/USP 2006: 33-36.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 9. ed. Porto: Edições Afrontamento, 1997.